ALMACO
ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE MATERIAIS COMPÓSITOS

INDICADORES DE DESEMPENHO DO MERCADO DE COMPÓSITOS

2023/2024

Presidente
Erika Bernardino Aprá

1º Vice-Presidente
Márcio Nieble

2º Vice-Presidente
Samir Quintiliano

Gestão
2022-2024

INTRODUÇÃO

Indicadores de desempenho setoriais proporcionam maior assertividade na visualização de tendências e na criação de cenários. Também fortalecem a representatividade e a credibilidade das indústrias perante os órgãos governamentais e os mercados globais.

Dados consistentes e conhecimento de mercado são fundamentais para o planejamento e gestão dos negócios.

Sendo assim, a Associação Latino-Americana de Materiais Compósitos (ALMACO) apresenta neste relatório os Indicadores de Desempenho do Mercado de Compósitos.

A partir de pesquisas e entrevistas feitas com integrantes de toda a cadeia produtiva do material, a ALMACO consolidou os dados referentes a 2023 e as projeções do setor para 2024.

Boa leitura e, principalmente, bons negócios envolvendo os compósitos!

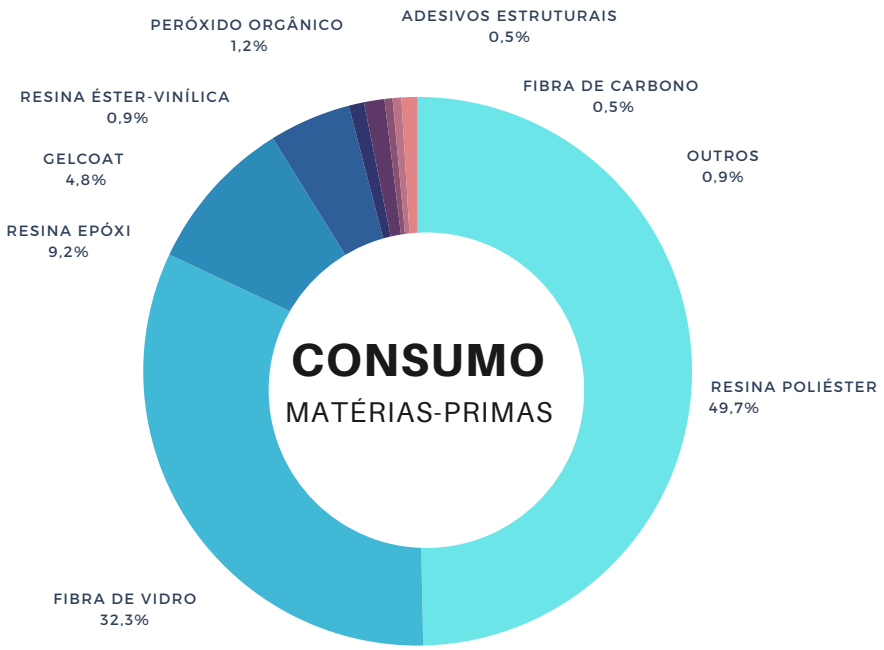
ALMACO
ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE MATERIAIS COMPÓSITOS

PESQUISA

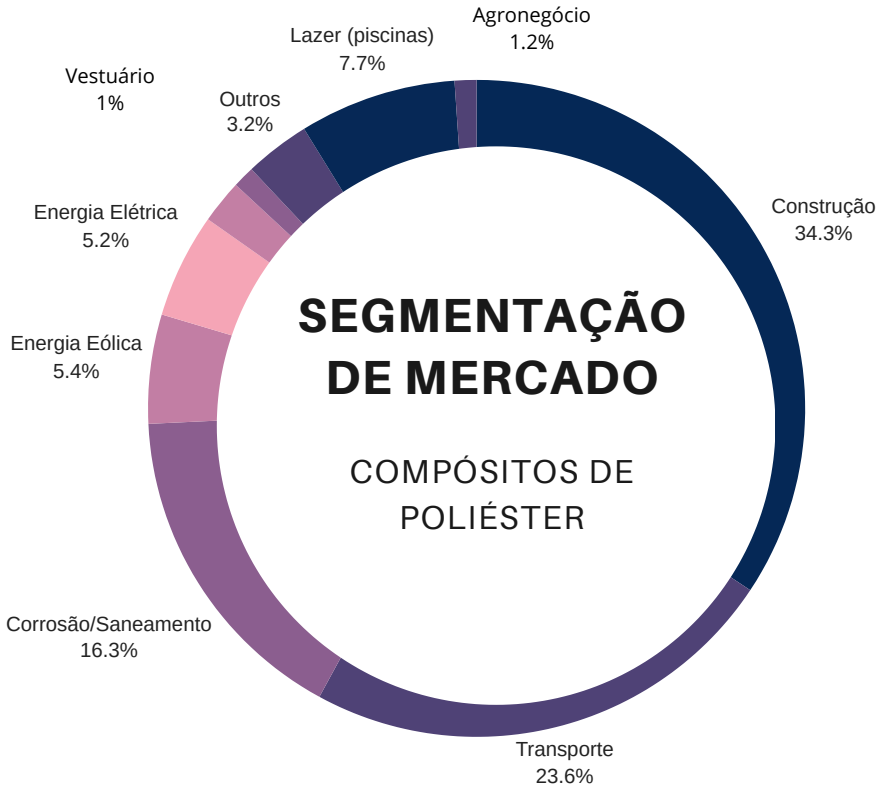
INDICADORES/ANO	2022	2023	2023/2022	2024*	2023/2024*
VALOR DA PRODUÇÃO (BILHÕES/R$)	4.284	3.342	-22%	3.509	5%
CONSUMO DE MATÉRIAS-PRIMAS (MIL TONELADAS)	231	232,7	0,74%	242	4%
EMPREGOS (MIL)	65,3	65,5	0,29%	67	2,3%
NÍVEL OPERACIONAL (%)	68,0	68,4	0,58%	66	1%

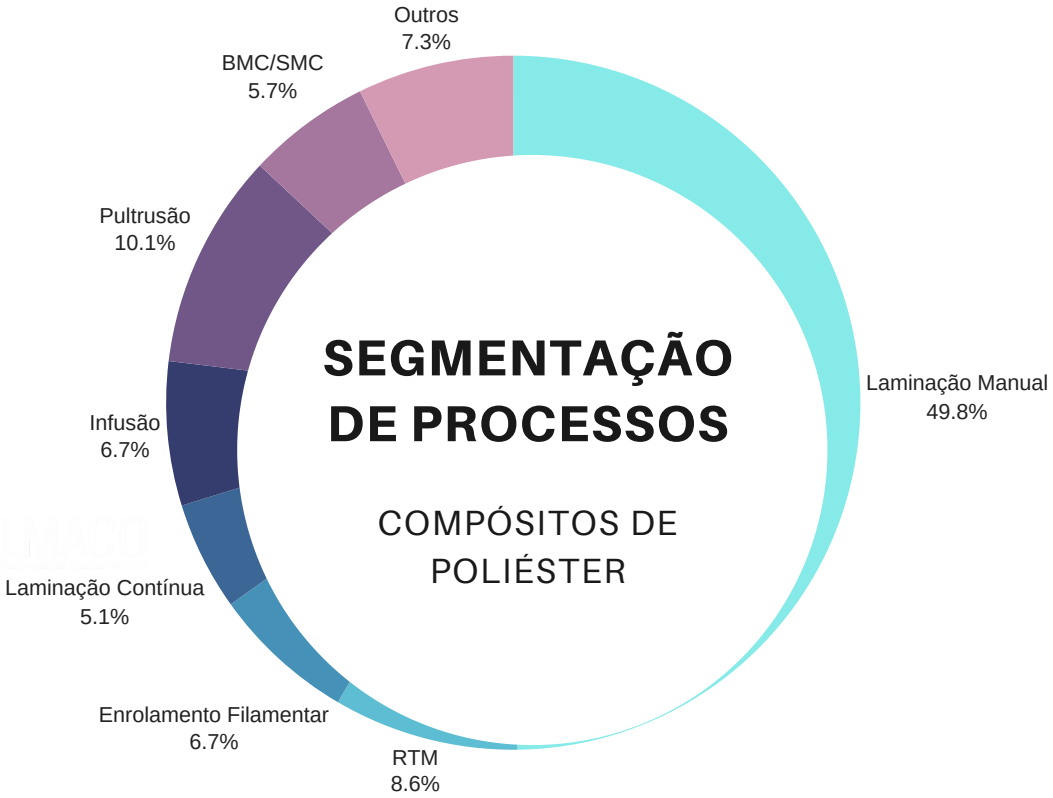
(*) ESTIMATIVA 2024

MATÉRIA-PRIMA	VOLUME (KTON)
RESINA POLIÉSTER	115,6
FIBRA DE VIDRO	75,2
RESINA EPÓXI	21,3
GELCOAT	11,2
RESINA ÉSTER-VINÍLICA	2,1
PERÓXIDO ORGÂNICO	2,8
ADESIVOS ESTRUTURAIS	1,1
FIBRA DE CARBONO	1,2
OUTROS	2,2
TOTAL	232,7



PESQUISA


SEGMENTAÇÃO DE MERCADO
COMPÓSITOS DE POLIÉSTER
Agronegócio 1.2%
Construção 34.3%
Transporte 23.6%
Corrosão/Saneamento 16.3%
Energia Eólica 5.4%
Energia Elétrica 5.2%
Vestuário 1%
Outros 3.2%
Lazer (piscinas) 7.7%


SEGMENTAÇÃO DE PROCESSOS
COMPÓSITOS DE POLIÉSTER
Outros 7.3%
BMC/SMC 5.7%
Pultrusão 10.1%
Infusão 6.7%
Laminação Contínua 5.1%
Enrolamento Filamentar 6.7%
RTM 8.6%
Laminação Manual 49.8%

PESQUISA

Petróleo
3%
Outros
1.5%
Eletroeletrônico
2,4%
SEGMENTAÇÃO DE MERCADO
COMPÓSITOS DE EPÓXI
Energia Eólica
93.2%

Enrolamento Filamentar
5.3%
SEGMENTAÇÃO DE PROCESSOS
COMPÓSITOS DE EPÓXI
Infusão
91.2%

CONSTRUÇÃO

Enquanto o mercado imobiliário vivencia uma boa fase – basta andar por capitais como São Paulo para perceber o boom de novos empreendimentos –, o consumo oriundo das pequenas obras e reformas encolheu em 2023. A queda refletiu no balanço da indústria de construção como um todo, que cresceu magros 1,2% no período, de acordo com o Sindicato da Indústria da Construção (SINDUSCON).

É exatamente esse público, uma multidão alojada nas classes C, D e E, que lidera a demanda por caixas d'água, telhas e mármore sintético, os exemplos clássicos de compósitos na construção civil brasileira.

Uma das prováveis explicações para a queda da chamada autoconstrução deve-se ao fato de que muita gente aplicou o recurso dos auxílios governamentais liberados durante a pandemia em reformas. Agora, mesmo com a inflação dentro da meta (4,62% em 2023) e queda nos preços de itens da cesta básica, o dinheiro que eventualmente sobrou foi absorvido por outros setores, como o de serviços, que cresceu 2,3% no ano passado.

De toda forma, a indústria da construção civil permanece firme na liderança do consumo de compósitos, e o seu pequeno crescimento em 2023 ajuda também a explicar o aumento de 0,74% no volume de material processado no período. Um percentual até surpreendente se lembrarmos que, no início do ano, as empresas do setor de compósitos davam como certa uma retração ao redor de 10%.

Para 2024, o SINDUSCON aposta num salto de 2,9%, movimento impulsionado pela queda nas taxas de juros e um novo ciclo imobiliário puxado pelo programa governamental de habitações populares Minha Casa Minha Vida, cuja nova fase foi anunciada com atraso no final do ano passado.

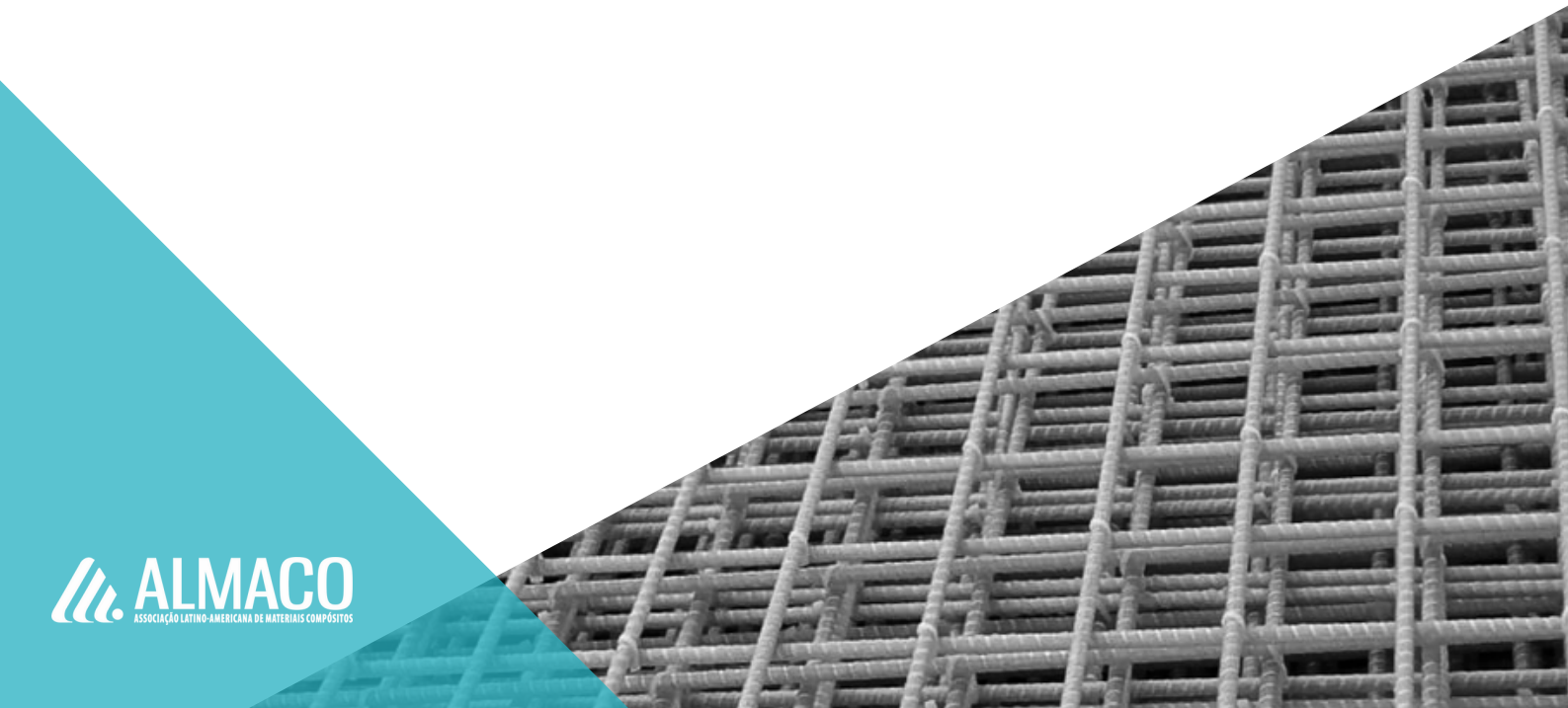
CONSTRUÇÃO

Este ano também marcará, ao que tudo indica, a publicação no Brasil da norma de fabricação de vergalhões de compósitos. Ainda que isso não signifique uma explosão imediata de consumo, trata-se de uma excelente notícia, pois os números relacionados a esse tipo de produto são gigantescos não só no Brasil, mas no mundo todo. Prova disso é o interesse crescente de fabricantes globais de matérias-primas de participar desse segmento.

Ainda sobre matérias-primas, cabe notar que acontece no Brasil o que se observa, em maior ou menor escala, em outras partes do mundo: uma avalanche de insumos importados da Ásia, sobretudo da China, cuja desaceleração do mercado interno atiçou ainda mais o seu notório ânimo exportador.

Essa situação impactou de forma intensa o faturamento do setor de compósitos em 2023 – queda de 22%. Fontes do mercado brasileiro garantem que, muitas das vezes, a mercadoria chinesa chega aqui custando 40% menos do que o produto fabricado localmente, o que inviabiliza qualquer tipo de disputa.

Movimentos de contra-ataque estão sendo feitos, como solicitações ao governo para que aumente as alíquotas de importação, a exemplo do que fez o setor de aço. Discussões nesse sentido já estão acontecendo entre os associados da Associação Latino-Americana de Materiais Compósitos (ALMACO).



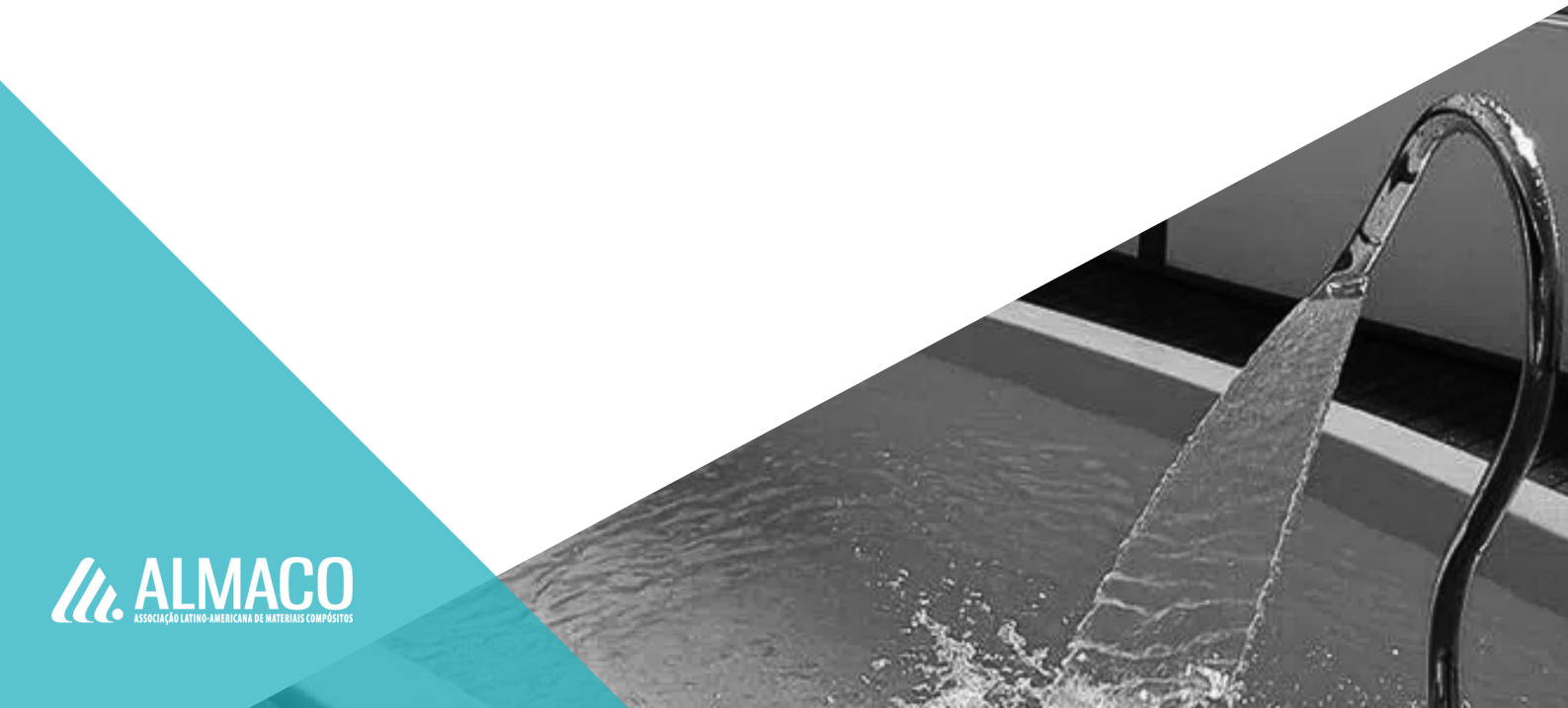
LAZER/PISCINA

A onda de calor que começou a atingir o Brasil no final do segundo semestre não foi suficiente para vitaminar as vendas de piscinas em 2023. Durante a primeira metade do ano, a procura pelo produto diminuiu cerca de 15% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Então, de agosto a dezembro, quando os moldes novos estavam prontos e os antigos, reformados, a chamada "temporada de piscinas" acabou decepcionando, atestam fontes do setor. A tal ponto que alguns transformadores estocados nem chegaram a colocar novos pedidos, tamanho foi o marasmo nesse mercado.

Tema recorrente nas salas de reuniões das empresas que labutam no setor de compósitos, a indústria local de piscinas continua seguindo a trilha da inevitável acomodação, depois de dois anos dourados do "fique em casa", em que nunca se vendeu tanto o produto por essas bandas.

Em 2024, com as sucessivas ondas de calor, inflação controlada e queda de juros, a tendência é de que haja uma melhora na demanda por piscinas. Se esse avanço vai reprisar o que se viu no passado recente, porém, só o tempo dirá.



TRANSPORTE

A indústria brasileira de ônibus vem se recuperando depois do pesadelo vivido nos anos de pandemia. Em 2023, o Brasil produziu 19.612 unidades, alta de 2,4% frente a 2022. Desse montante, 17.023 ficaram no mercado interno (+9,5%), enquanto as exportações (2.589 unidades) caíram 28,2%. Para efeito de comparação, em 2019, ano anterior à eclosão da crise sanitária, 17.900 unidades foram negociadas apenas no mercado interno.

No ano passado, as vendas de ônibus foram impulsionadas pelos seguidos – e intensos – aumentos nos preços das passagens aéreas, o que provocou um salto de 16% no giro de modelos rodoviários. Em paralelo, mais de 220 municípios aportaram recursos em seus sistemas de transporte, e isso refletiu positivamente na venda dos ônibus urbanos.

Para 2024, com a retomada do programa governamental Caminho da Escola, que deve resultar na venda de 15.220 unidades entre todos os modelos, e as facilidades de financiamento propiciadas pelo também governamental PAC 3, as expectativas são de um crescimento de 20-25% da produção brasileira, calcula a Associação Nacional dos Fabricantes de Ônibus (FABUS).

A eletrificação do sistema de transporte público no Brasil, medida aguardada com ansiedade pela cadeia produtiva de compósitos, ainda demora. Isso porque a conta simplesmente não fecha com as tarifas cobradas atualmente pelos municípios.

Portanto, ou os governos entendem a importância da eletrificação e subsidiam a mudança, ou a descarbonização desse modal ficará para as próximas gerações.

TRANSPORTE

Já em relação aos caminhões o cenário é o oposto. Em 2023, as vendas de veículos novos recuaram 16,39%, totalizando 104.155 unidades.

A principal causa para o mau resultado foi a entrada em vigor do Proconve P8. Para atender às novas regras de controle de emissões, os caminhões receberam várias atualizações. Com isso, os preços subiram até 30%. Destaque também para o crédito caro e escasso.

Virada a página de 2023, a indústria brasileira de caminhões espera agora um crescimento de 10% nas vendas, totalizando 114.500 unidades emplacadas. Melhora na oferta de crédito e evolução do agronegócio, que responde pela metade da demanda por caminhões no Brasil, são as apostas desse setor para o período que se inicia.

CORROSÃO/SANEAMENTO

Tradicional consumidor de compósitos na forma de tanques, equipamentos especiais, tubos e revestimentos, o setor de alta corrosão costuma apresentar uma demanda algo estável, só perturbada quando desponta aqui e ali um grande projeto, por exemplo, uma nova planta de papel e celulose.

O ano passado foi um desses períodos de estabilidade. Sem grandes investimentos – diferente do que deve acontecer em 2024, com uma provável nova fábrica da Bracell no Mato Grosso do Sul –, o consumo de resinas éster-vinílicas, as mais comuns em aplicações sujeitas à elevada corrosão, manteve-se na média histórica.

As usinas de álcool e açúcar, apesar da alta na produção registrada em 2023, frearam os seus aportes. O setor químico, que não vive seus melhores dias, não mostra muito apetite para investir em novas tancagens e, quando possível, em manutenções. As empresas estão postergando o quanto podem despesas com reparos, e isso afeta principalmente o giro dos distribuidores de resinas éster-vinílicas e fibras de vidro.

Em relação ao saneamento básico, pouco ou quase nada tem sido feito para tirar do papel o Marco Legal do Saneamento, lei que exige a universalização dos serviços de saneamento até 2030.

Para se ter uma ideia do tamanho do desafio, o Brasil precisa investir mais de R$ 500 bilhões para atingir essas metas. Em outras palavras, dobrar os investimentos em saneamento, por ano, para levar água e esgoto tratados a toda a população.

Possível? Muitos já duvidam, entre eles, diversos representantes do setor de compósitos.

ENERGIA

De acordo com a Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), 123 novos parques entraram em operação no Brasil no ano passado – juntos, somaram 4.100 MW. Isso representou um aumento de 12,8% em relação ao resultado de 2022. Ao todo, foram instalados 954 aerogeradores em 2023, número 5% acima do anotado no período anterior.

Em 2024, tudo indica que o cenário deve mudar para pior. A ABEEólica trabalha com uma projeção de queda de 20% no número de novos parques em operação, muito embora esse número seja atualizado diariamente pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL).

Ano passado, a energia eólica representou 24,3% da demanda do Sistema Interligado Nacional (SIN) no Brasil, com uma geração média de 17.110 MW. Quanto à exploração offshore, existem no momento 78 projetos em desenvolvimento no Brasil, totalizando 189 GW de capacidade proposta em licenciamento no Ibama.

Em relação aos postes de compósitos, o ano foi marcado por poucos investimentos das concessionárias de energia elétrica, o que resultou numa queda da demanda estimada em 10%.

Para algumas fontes que atuam nesse segmento, o Brasil produziu entre 80-100 mil postes no ano passado, sendo que uma fatia acima de 80% seguiu para aplicações em distribuição de energia, à frente de iluminação (10%), segurança e monitoramento (5%) e telecomunicações (5%).

AGRONEGÓCIO

Em 2023, o agronegócio não repetiu os bons resultados dos anos anteriores, a ponto de analistas do setor apostarem em uma queda de quase 1% no período – os dados oficiais ainda não foram divulgados.

Assim como afetou o balanço das vendas de caminhões, tal desempenho também prejudicou o giro de máquinas agrícolas.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamento (ABIMAQ), a receita líquida proveniente do mercado interno caiu 15,4% em 2023.

O pior é que, segundo a própria ABIMAQ, o segmento de máquinas agrícolas deve cair mais 10% em 2024. Uma previsão bastante preocupante para os fabricantes de peças de compósitos instaladas em implementos agrícolas, como tratores e colheitadeiras.

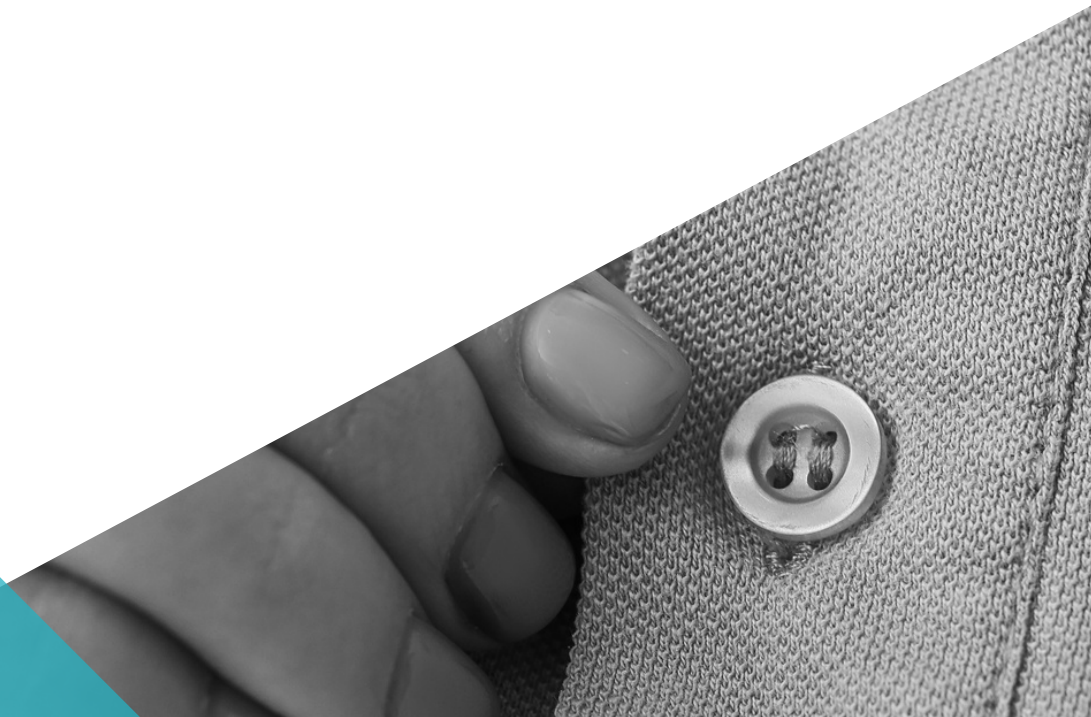
VESTUÁRIO

Enquanto fornecedores de matérias-primas para compósitos passaram a se queixar recentemente da avalanche de produtos importados da China, há transformadores que sentem essa concorrência na pele não é de hoje.

Um exemplo clássico é o dos fabricantes de botões. Há anos eles sofrem com a entrada de produtos cujos preços finais são inferiores aos seus custos de produção – cerca de 40% da demanda local é suprida por botões fabricados na Ásia.

E agora, com o desaquecimento da economia chinesa, o volume aumentou ainda mais.

Para piorar, apenas a importação de vestuário – as roupas prontas já vêm com botões, diminuindo ainda mais a demanda local – saltou 27% em 2023.



NÁUTICO

O setor náutico manteve em 2023 o ritmo dos últimos anos. Com as carteiras repletas de pedidos, os grandes estaleiros seguiram produzindo para tentar diminuir as filas de espera que começaram a ser formadas nos anos de pandemia.

Por outro lado, as vendas de barcos menores e mais acessíveis mostraram certa retração, principalmente devido aos juros, que afetam diretamente a possibilidade de financiamento para a classe média, público-alvo dessas embarcações.

Ainda que tenha representado apenas 2,1% do consumo local de compósitos em 2023, o mercado náutico é visto por especialistas como um importante vetor de crescimento da demanda.

Com sua extensa linha costeira e milhares de rios navegáveis, o Brasil tem, teoricamente, um grande potencial para se tornar um mercado gigantesco para os estaleiros.

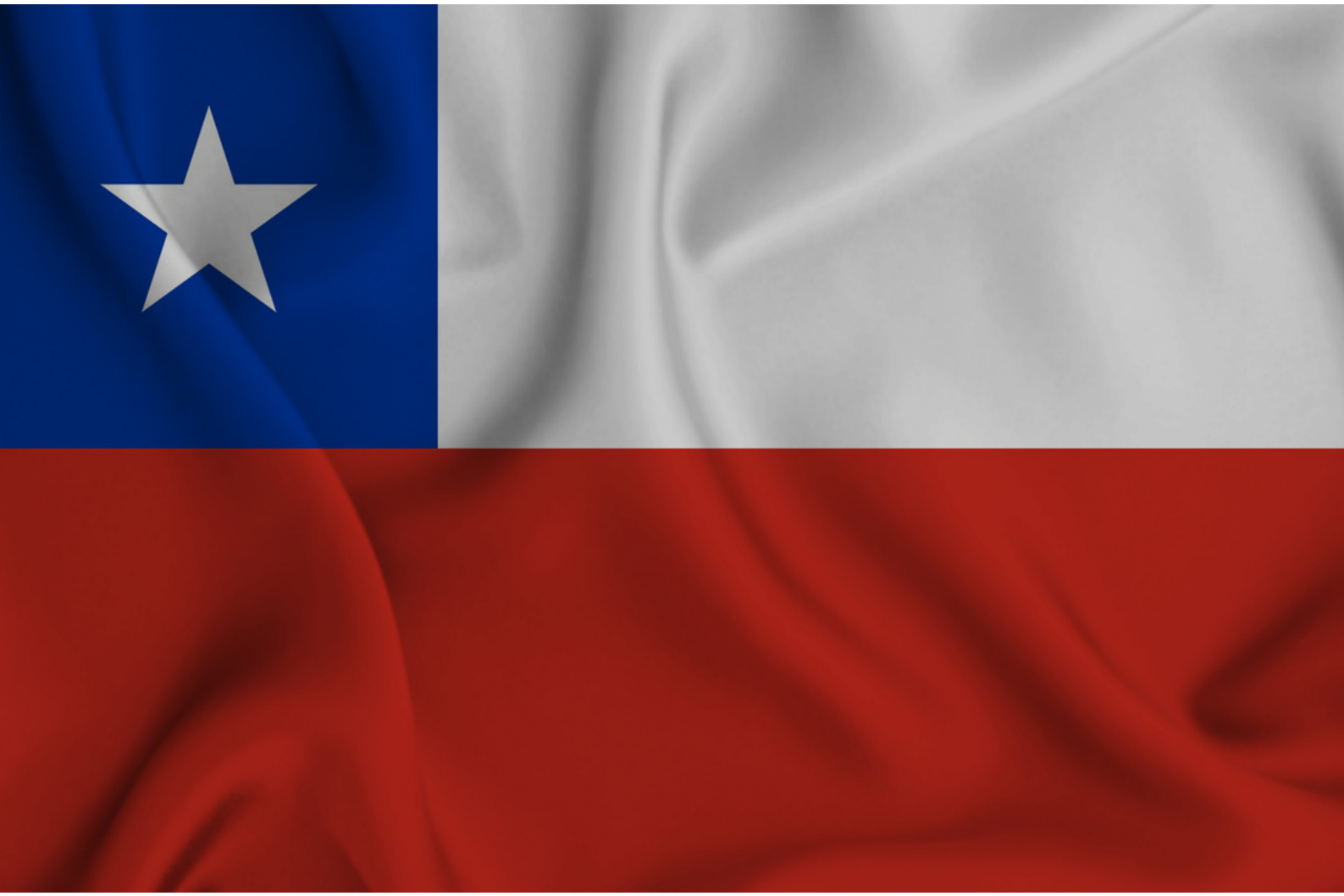
ARGENTINA

O consumo como forma de proteção. Essa foi a saída encontrada por muitos argentinos em 2023 para preservar suas reservas de uma inflação de 211%, a maior do mundo em um ano cujo PIB encolheu 4,5%. Esse fator, ao lado dos investimentos governamentais em tempos de eleições majoritárias, resultou num aumento ao redor de 5% no volume processado de compósitos.

Hoje em dia, as maiores fatias da demanda pelo material na Argentina dividem-se entre os setores de obras públicas, piscinas e transportes. Porém, nenhum dos três, avaliam fontes locais, terá condições de amenizar uma queda próxima de 20% no volume em 2024, fruto dos ajustes econômicos do governo recém-eleito e do excesso de estoque – matérias-primas e produtos acabados – das empresas no início do ano.

Caso a economia argentina enfim se recupere, a indústria local de compósitos enxerga para depois de 2025 o avanço de aplicações do material em setores relacionados à exploração de energia limpa, petróleo e agro.

CHILE



Na América do Sul, apenas a economia chilena não teve desempenho inferior ao da argentina em 2023. Ao registrar crescimento zero no período, o Chile ao menos contradisse as previsões do FMI em janeiro passado, de que o PIB do país encolheria 1%.

Super dependente da mineração – o maior consumidor local de compósitos, aliás –, o Chile só conseguiu comemorar um bom desempenho da exploração de cobre e lítio no último trimestre, mas isso foi insuficiente para melhorar o balanço anual do país.

Para 2024, com a continuidade da redução das taxas de juros e da flexibilização da política monetária, analistas chilenos acreditam em um crescimento de 2,5% do PIB.

COLÔMBIA

Em 2023, o mercado de compósitos na Colômbia manteve uma procura estável em relação ao ano anterior, apesar da queda dos preços, graças a setores como o de transportes e à conclusão de contratos de infraestrutura. Esse comportamento se refletiu no crescimento de 12% em volume, impulsionado principalmente por infraestrutura e energia.

Espera-se neste ano uma diminuição do consumo local, tanto em valor como em volume, devido ao declínio dos setores de construção e infraestrutura, bem como à entrada de novos concorrentes do Brasil, o que acrescenta incertezas ao mercado. A situação política no país, aliada às elevadas taxas de juro e à inflação, poderá afetar negativamente a execução de projetos de infraestrutura e o investimento em construção.

Quanto aos principais mercados consumidores de compósitos na Colômbia, destaque para infraestrutura, energia, construção (concreto polimérico), transportes e náutico.

ALMACO

Fundada em 1981, a ALMACO tem como missão representar, promover e fortalecer o desenvolvimento sustentável do mercado de compósitos. Com administração central no Brasil e sedes regionais no Chile, Argentina e Colômbia, a ALMACO tem cerca de 400 associados (empresas, entidades e estudantes) e mantém, em conjunto com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), o Centro de Tecnologia em Compósitos (CETECOM), o maior do gênero na América Latina.

ALMACO
ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE MATERIAIS COMPÓSITOS

www.almaco.org.br
+55 11 4934-5799
marketing@almaco.org.br